

Apresentação

Apresentamos ao leitor mais um número de *Calidoscópio* dedicado a trabalhos relacionados à linha de pesquisa “Interação e Práticas Discursivas” do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS. Os artigos aqui reunidos tratam de práticas interacionais em diferentes contextos, colocando-se numa visão mais inclusiva de linguística aplicada, delineando, assim, um campo fértil de atuação do linguista para além do âmbito escolar. O leitor vai encontrar, neste número, uma visão bastante atual da pesquisa na área da linguagem em interação.

Maria do Carmo Leite de Oliveira abre este número com um artigo cujo tema foi primeiramente apresentado em formato de aula inaugural ministrada pela própria autora para o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e para o Curso de Letras da UNISINOS. O artigo traz à baila a discussão sempre atual e inquietante sobre o papel da linguística aplicada no ambiente acadêmico e fora dele. Oliveira defende uma linguística aplicada cujo compromisso principal é a transformação social, mas, diferentemente de outros autores, focaliza um universo em particular – nem sempre visto com bons olhos pelos humanistas e cientistas sociais – o das organizações empresariais. A autora argumenta que uma linguística que se chama “aplicada” precisa olhar com uma perspectiva mais inclusiva também esse universo. Assim, de acordo com Oliveira, o linguista aplicado pode ajudar a construir organizações mais sadias, com trabalhadores em situação de menor sofrimento. Finalmente, a partir de uma visão mais inclusiva de linguística aplicada, a autora aponta a possibilidade de os estudos da linguagem abrirem alternativas de trabalho para os profissionais de linguagem que ultrapassam a escola e os departamentos de Letras.

Ainda dentro do que se poderia chamar de uma linguística aplicada mais inclusiva, Ana Cristina Ostermann e Caroline da Silva analisam o fenômeno interacional de “formulações” na área da saúde da mulher, em particular, em consultas ginecológicas e obstétricas que acontecem em um posto do Sistema Único de Saúde (SUS). O fenômeno da formulação, segundo as autoras, é conhecido como uma prática utilizada por interagentes para explicitar sua compreensão de partes de uma conversa ou de ações realizadas nessa conversa. Ostermann e Silva mostram que, nessas

consultas, tanto os médicos quanto as pacientes fazem uso da prática da formulação, o que pode fornecer mais oportunidades de checagem de compreensão de ambas as partes. Segundo as autoras, essas oportunidades são de grande importância quando se quer assegurar uma melhor compreensão entre as partes envolvidas, principalmente quando se trata de situações em que a compreensão (e negociação) de um tratamento é determinante para o sucesso em sua aderência. O ponto crucial do artigo está na relação que Ostermann e Silva estabelecem entre a Política Nacional de Humanização do SUS (nível macro) e a prática de formular (nível micro). Ou seja, as autoras propõem a possibilidade de se pensar os objetivos da política de humanização do SUS, tantas vezes pouco tangíveis de forma concreta, como traduzíveis em práticas interacionais específicas – nesse caso, a de formular.

O artigo de Clara Dornelles também se alinha a uma linguística aplicada mais inclusiva. A partir de uma perspectiva sociolinguística interacional e microetnográfica, a autora aborda questões de negociação de identidade em sessões de orientações a casais em uma Delegacia da Mulher. Essas sessões, que são coordenadas por uma assistente social, têm como principal meta orientar casais na resolução de conflitos de âmbito conjugal. Como esses encontros normalmente pautam a mudança de comportamento dos cônjuges, a autora descreve (e problematiza) como cada uma das partes envolvidas atua na tarefa árdua de construção de uma “boa imagem” de si em detrimento da imagem do outro. Essas interações podem se tornar disputas tão acirradas que levam a autora a se questionar sobre até onde uma pessoa pode ir para preservar a sua própria face. Dornelles argumenta que o trabalho de face desempenhado pelos participantes nessas interações se constrói como um trabalho delicado e moral.

Milene Bazarim e Inês Signorini apresentam estudo sobre a produção de uma carta à diretora da escola, através da interação oral, estabelecida durante a aula, entre a professora e 24 alunos adolescentes. A partir da sociolinguística interacional e de estudos sobre referenciação oriundos da análise conversacional de inspiração etnometodológica, as autoras procuram mostrar como a escrita dessa carta foi criada/construída/negociada durante a interação, tornando-se simultaneamente objeto de ensino-aprendizagem e objeto-

de-discurso. A pesquisa-ação foi utilizada, considerando-se sua produtividade para levantar discussões sobre o papel da interação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem de Língua Materna, bem como sobre a importância de reflexão relativa aos letramentos do professor e seus impactos no ensino da escrita. As autoras defendem que essa opção metodológica, por implicar o professor como ator e como analista, possibilita instituir reflexão sobre o próprio fazer docente, com importantes repercussões nas práticas em sala de aula.

Raquel Brigatte mobiliza a perspectiva da Sociolinguística Interacional para estudar audiências de conciliação no PROCON, isto é, encontros que têm por objetivo a resolução de conflitos via argumentação. Tomando as narrativas como meios de emergência da vida social e cultural e como “verdadeiras performances de identidade”, a autora propõe o gerenciamento da causalidade como a maior e mais importante tarefa para se criar uma história coerente. O objeto de sua análise são as interações entre reclamado (representante da empresa) e reclamante (consumidor), nas quais observa as estratégias a que ambos recorrem para a formulação de sua história. O estudo visa a mostrar (a) como se estabelece a causalidade e continuidade adequadas nas narrativas construídas por ambos; (b) como a experiência é estruturada de forma a ser compartilhada e aceita pela audiência; (c) em que medida a formulação de uma história coerente é importante para que se viabilize a consubstanciação das argumentações. O artigo chama a atenção ainda para a necessidade de investigações dessa natureza por permitirem a compreensão dos mecanismos pelos quais nossas experiências adquirem sentido.

A perspectiva sociointeracional e a temática da construção de identidade a partir de narrativas voltam a se fazer presentes, neste número de *Calidoscópico*, no artigo de William Soares dos Santos. Seu objetivo é investigar, a partir da análise de trechos de uma história de conversão de uma prática religiosa a outra, a construção da identidade narrativa que emerge, tendo em vista a perspectiva do presente. Partindo da ideia de que narrativas de conversão possuem características bem particulares, entre as quais funcionar como testemunhos da passagem de uma condição de existência ruim para uma melhor, o autor destaca, entre outros aspectos, que, ao falar de sua experiência passada, a narradora realiza diferentes construções de si: foi superficial na adolescência, problemática em sua relação com a família e infeliz na idade adulta. Essas construções funcionam, no esquema geral de sua narrativa, como contraponto para a construção de sua identidade atual (depois da conversão religiosa) como uma mulher segura e feliz.

O artigo de Telisa Graeff e Silvane Costenaro inscreve-se em perspectiva teórica diferente em relação aos anteriores, valendo-se de conceitos da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), ligada à Teoria da Argumentação na Língua (TAL), que surgiu na *École des Hautes Études de Paris*, e vem sendo desenvolvida, há mais de 20 anos por seus proponentes. A TAL se dedica à análise do sentido a

partir do pressuposto de que a argumentação está marcada na própria estrutura linguística. Desde seu aparecimento, passou por diversas modificações, sendo a TBS sua versão mais recente. Essa nova versão propõe que se atribua como “sentido” a uma entidade linguística um conjunto de encadeamentos argumentativos e postula dois modos pelos quais um aspecto argumentativo pode estar associado às palavras cujo sentido ele constitui: o externo, encadeamentos que precedem ou seguem a entidade; e o interno, encadeamentos que a parafraseiam. A partir dessa noção de argumentação discursiva, as autoras analisam mal-entendidos em dois diálogos, um ocorrido entre um funcionário de uma academia de ginástica e uma usuária da academia, em dia próximo à Páscoa; o outro, entre duas professoras de escola de Ensino Médio. A análise mostra que a incompreensão, nesses diálogos, surge da construção de blocos diferentes feita pelos interlocutores, isto é, relaciona-se ao fato de os interlocutores associarem a uma mesma entidade linguística argumentações diferentes, produzindo, assim, objetos de discurso diversos. O trabalho de Graeff e Costenaro contribui para atestar que a semântica argumentativa, especialmente a Teoria dos Blocos Semânticos, pode auxiliar na explicitação da origem de incompreensões em diálogos. Coloca-se, assim, como uma demonstração convincente de como o sentido se constrói no discurso.

O trabalho de Silvia Maria Guerra Anastácio e Olívia Ribas de Farias está inscrito na perspectiva de estudos da Crítica Genética, linha recente da pesquisa literária, dedicada a desvelar os caminhos da criação. Os autores ampliam o escopo dos estudos genéticos, estabelecendo uma ponte entre o poema e sua recriação na animação para a análise de manuscritos cinematográficos. Seu foco é o processo de recriação do poema ‘O Corvo’ do escritor norte-americano Edgar Allan Poe (1809-1849) para o episódio ‘No dia das Bruxas I’ (1990) da série de animação ‘Os Simpsons’, que apresenta uma trilogia de histórias assustadoras para comemorar a festa de *Halloween*, pertencente à tradição da cultura anglo-saxônica. O trabalho examina essa releitura a partir da noção de *simulacro*, segundo a qual a recriação não se configura como uma cópia degradada do texto que lhe deu origem, mas é algo positivo, que tem seu próprio valor. O artigo salienta que a importância de promover esse tipo de tradução está exatamente nas novas interpretações promovidas em releituras de obras, já que são feitas em um sistema literário, político e histórico diferente. Assim, o poema original, criado em um período anterior, a partir dessa confluência de signos, ganha atualidade, tornando-se mais próximo ao leitor de hoje.

Os trabalhos aqui apresentados atestam a preocupação de *Calidoscópico* em trazer a seus leitores paradigmas de pesquisa qualitativa e abordagem teórica que contribuam para que a pesquisa em linguística aplicada suscite cada vez mais interesse entre estudiosos de diferentes campos que se interessam pela linguagem.

Ana Cristina Ostermann
Marlene Teixeira